

## **SOBRE O PROCEDIMENTO DE LEITURA IMANENTE NA “PALESTRA SOBRE LÍRICA E SOCIEDADE” DE THEODOR W. ADORNO**

Alexandre M. Botton<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este artigo analisa alguns aspectos metodológicos do ensaio “Palestra sobre lírica e sociedade” de Theodor W. Adorno. Seu objetivo é confrontar o procedimento de leitura imanente, desenvolvido no referido ensaio, com o conceito de lírica formulado por teóricos contemporâneos de Adorno.

**Palavras-chave:** poesia lírica, linguagem, sociedade.

**Abstract:** This article discusses some methodological aspects of the essay “Lyric poetry and society” by Theodor W. Adorno. Your goal is to confront the reading procedure immanent, developed in this test, with the lyrical concept formulated by contemporary theorists of Adorno.

**Keywords:** poetry, language, society.

---

### **1. Sobre o conceito de lírica e a leitura imanente**

Se quisermos uma referência que nos oriente na tentativa de compreender os procedimentos metodológicos praticados em “Palestra sobre lírica e sociedade” podemos destacar a seguinte passagem:

Esse pensamento, porém, a interpretação social da lírica, como aliás de todas as obras de arte, não pode portanto ter em mira, sem mediação, a assim chamada posição social ou inserção social dos interesses das obras ou até de seus autores. Tem de estabelecer, em vez disso, como o *todo* de uma sociedade, em si mesma contraditória, aparece na obra de arte; mostrar em que a obra lhe obedece e em que a ultrapassa. (ADORNO, 2009, p. 67).

Trata-se, é claro, do desenvolvimento da tão afamada leitura imanente, que traspassa tanto esta “palestra”, de traços marcadamente ensaísticos, quanto os demais escritos de *Notas de literatura e a Teoria Estética*. Adorno considera tal procedimento como algo intermitente, que não se encerra no

---

<sup>1</sup> Professor de filosofia no departamento de Letras da UNEMAT, campus de Tangará da Serra-MT, doutorando em Teoria e História Literária na UNICAMP e bolsista do CNPq. Email: alexbotton@gmail.com

aparato formal do raciocínio lógico, tampouco se restringe ao desenvolvimento de funções psicológicas, mas necessita de ambos. Tal pensamento corresponde a “um modo de comportamento ao qual é imprescindível a referência àquilo com o qual se relaciona” (ADORNO, 1995, p. 18). Nesse sentido, o procedimento de leitura imanente é marcadamente ensaístico e desencadeia – como apenas ensejou a dúvida cartesiana – um processo de experiência no qual a verdade aparece como “constelação em devir” (ADORNO, 2009, p. 21).

O que Adorno questiona na interpretação social da lírica, e pretende superar em sua leitura imanente, é a subordinação de conteúdos líricos a temas sociológicos, como se o conteúdo social da poesia pudesse ficar restrito àquilo que é confirmado nas teses levantadas pelas ciências sociais. Ironicamente, porém, a desconfiança dos literatos – pelo menos dos contemporâneos de Adorno – diante de mais uma tentativa de interpretar socialmente a poesia lírica, pressupõe a mesma exterioridade, entre lírica e sociedade, pressuposta em alguns estudos sociológicos. Justamente o zelo pela pureza da poesia afasta o literato das interpretações, por assim dizer, socializantes. Para Adorno, essa desconfiança não é sem fundamento: “Afim, trata-se de manusear o que há de mais delicado, de mais frágil, aproximando-o justamente daquela engrenagem, de cujo contato o ideal da lírica, pelo menos no sentido tradicional, sempre pretendeu resguardar” (ADORNO, 2009, p. 65). Nesse sentido, o “ideal da lírica” funciona como uma espécie de marco regulatório – do qual se aproximam ou se afastam determinadas composições poéticas – e Adorno não parece interessado em alterá-lo, ao contrário, ele dá sinais de que o mesmo ideal de lírica, que afasta a poesia lírica da linguagem comunicativa, exige uma leitura social.

Emil Staiger (1997, p. 15) sustenta que sob o termo “lírico” encontram-se certas características das quais os poemas denominados líricos estariam mais próximos, e embora estes mesmos poemas pudessem conter características de outros gêneros literários, o “lírico” seria sua tônica, seu “conceito fundamental”, por assim dizer. Ao comparar o estilo lírico de Goethe com os versos da épica de Homero, por exemplo, ele concluirá:

No estilo lírico, entretanto, não se dá a “re”-produção linguística de um fato. Não se pode aceitar que na “Wanderers Nachtlied” estivesse de um lado o clima do crepúsculo e do outro a língua com todos os seus sons, pronta a ser aplicada. Antes é a própria noite que soa como língua. O poeta não “realiza” coisa alguma. Ainda não há aqui um defrontar-se objetivo (Gegenüber). A língua dissolve-se no clima crepuscular e o crepúsculo na língua. (STAIGER, 1975, p. 21).

Os versos do “Wanderers Nachtlied” [“Canção noturna do Viandante”] de Goethe são:

Über Allen Gipfeln  
Ist Ruh  
In allen Wipfeln  
Spürest Du  
Kaum einen Hauch.  
Die Vögelein schweigen im Walde.  
Warte nur, balde  
Ruhest du auch.

[Sobre todos os cumes  
Quietude  
Em todas as árvores mal percebes  
Um alento.  
Os pássaros emudecem nas florestas.  
Esperas só um pouco, breve  
Descansas tu também.]<sup>2</sup>

Para Staiger, não há dúvida quanto à diferença entre a função comunicativa da língua, de algum modo presente ainda na épica, e a dissolução do conteúdo na linguagem poética aludida na observação de que “A língua dissolve-se no clima crepuscular e o crepúsculo na língua”. Staiger encontra nessa dissolução o fundamento que procurava para caracterizar a qualidade fundamentalmente “lírica” dos poemas ditos líricos. Como quem dá

---

<sup>2</sup> Tradução de Celeste Aída Galeão.

um passo para fora desse discurso, Adorno declara-se “desamparado pelas musas” (ADORNO, 2009, p. 66), como se justamente sua falta de trato para com o que é “fundamentalmente lírico” o obrigasse a engendrar outro tipo de leitura. Assim, para Adorno, a constatação de que a linguagem da lírica nada comunica acerca da realidade empírica, não é impedimento para que ela seja por si mesma algo social: no anseio pela palavra pura, pela musicalidade<sup>3</sup> do verso – como se considerá-la simples “re-produção” linguística bastasse para contaminar todo um poema – encontrar-se-ia o teor social da lírica, pois aquilo que insiste na negação de uma determinada sociedade é ainda algo social.

O procedimento de leitura imanente seria, então, um modo de pensamento que insiste em levar o conceito de lírica a transpor seus limites, e, conseqüentemente, o traspassa em direção ao conteúdo social nele sedimentado. A lírica, para Adorno, situar-se-ia, assim, “no *medium* do espírito subjetivo que se volta sobre si mesmo”. (ADORNO, 2009, p. 72). Neste *medium*, diferentemente do que lemos em Staiger, ela engendraria algo que ultrapassa a linguagem enquanto instrumento de comunicação:

A idiosincrasia do espírito lírico contra a preponderância das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida. (ADORNO, 2009, p. 69).

Ainda sobre o mesmo tema, não obstante mais preocupado com a lírica moderna, Hugo Friedrich dirá:

Interioridade neutra em vez de sentimento, fantasia em vez de realidade, fragmento do mundo em vez de unidade do mundo, mistura daquilo que é heterogêneo, caos, fascinação por meio da obscuridade e da magia linguística, mas também um operar frio análogo ao regulado pela matemática, que alheia o habitual: esta é exatamente a estrutura dentro da qual se situarão a teoria poética de Baudelaire, a lírica de Rimbaud, de Mallarmé e a dos poetas hodiernos. (FRIEDRICH, 1978, p. 29)

---

<sup>3</sup> Hugo Friedrich dirá: “A escuridão e a incoerência tornam-se pressupostos da sugestão lírica. ‘o poeta serve-se das palavras como teclas, desperta nelas forças que a linguagem cotidiana ignora; Mallarmé falará do ‘piano de palavras’.” (FRIEDRICH, 1978, p. 29).

A lírica analisada por Friedrich já não é mais a mesma que Staiger tentara fundamentar: nela o momento de ruptura e negação – não totalmente alheio à lírica de Goethe – é a tônica. Tal qual o indivíduo moderno, o eu lírico traz consigo as marcas do *processo de individuação*; mas a lírica não é simplesmente o reflexo do processo de individuação da sociedade. A harmonia das composições líricas deixa entrever a tensão a que está sujeito o indivíduo: de um lado o papel social que o torna apto a reproduzir um estado de coisas, do outro a possibilidade de autonomia que poderia ter resultado do processo de desenvolvimento da individualidade. Justamente nesta perspectiva, para Adorno, não é necessário pensar um conceito de lírica essencialmente diferente do corrente: a dissolução da linguagem comunicativa depõe a favor de uma individualidade vedada por um modelo de sociedade acachapante.

Em um movimento característico do ensaio adorniano – coerente com a tese de que o pensamento é uma forma de comportamento – algo que não cabe no conceito de lírica é exposto a partir deste: o vínculo rompido. Essa característica metodológica, fortemente ensaística, traduz-se na *tentativa* de não deixar nada fora do conceito. A maneira ostensiva de trabalhar o conceito, *como se* ele pudesse abarcar o objeto de uma só mirada, impõe à tarefa de interpretar socialmente a lírica a necessidade de compreender a distância que se interpõe entre o “lírico” e o estritamente social. Algum conteúdo social estaria como que depositado – sedimentado é o termo que Adorno usará na *Teoria estética* – justamente onde a linguagem não é mais um meio, onde esta se dissolve totalmente na forma do poema.

## 2. Linguagem e sociedade

Em suas aulas de sociologia, Adorno não oferece qualquer definição para aquele que seria o conceito central da disciplina, isto é, o conceito de sociedade. Sua intenção é justamente explorá-lo de maneira suficientemente aberta para que seus alunos possam ainda trabalhá-lo, em vez de simplesmente aplicá-lo. A justificativa para não definir um termo tão necessário

à disciplina em questão é que uma definição de sociedade, por mais elaborada e completa que fosse, seria sempre algo taxativa, levaria de roldão nuances históricas que perpassam o objeto, seria, para usar uma expressão do próprio Adorno, “uma espécie de ‘molho de hotel’ a ser despejado em qualquer prato.” (ADORNO, 2008, p. 101). O que existe sob o conceito de sociedade, para Adorno, é algo extremamente mediado por múltiplos processos dentre os quais se encontra a linguagem. O crepúsculo que, segundo Staiger, dissolve-se na língua no poema de Goethe é, ao mesmo tempo, um termo socialmente utilizado para designar o anoitecer e, metaforicamente, o definhar da vida. Assim, os versos de Goethe – “Warte nur, balde / ruhest du auch” [espera um pouco, logo / tu repousarás também]<sup>4</sup> – podem ser lidos com outra conotação: “sua abissal beleza é inseparável daquilo que eles calam, da representação de um mundo que rejeita a paz” (ADORNO, 2009, p. 71). Para Adorno, tal abismo se faz presente na experiência do leitor capaz de ouvir, na voz do poema, o dilema que paira sobre a possibilidade de uma sociedade reconciliada:

Só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade; mais ainda, a própria solidão da palavra lírica é pré-traçada pela sociedade individualista e, em última análise, atomística, assim como, inversamente, sua capacidade de criar vínculos universais [*allgemeine Verbindlichkeit*] vive da densidade de sua individuação. (ADORNO, 2009, p. 67).

Enquanto voz da humanidade o poema é dissonante: ele participa do universal, seu meio, a linguagem, é a da mesma linguagem cunhada para o sistema de troca; mas enquanto mônada, unidade indivisível de conteúdo e forma, enquanto segunda concreção, sua lógica já não é a mesma da linguagem socialmente determinada. A lógica interna à poesia lírica forma uma espécie de segunda concreção, de fato inatingível para qualquer sociedade marcada pela dominação, e o mesmo acontece com toda obra de arte.

Para Jaime Ginzburg, “Adorno acredita que, ao abordar uma individualidade, um poema é capaz de apontar elementos referentes a uma coletividade.” (GINZBURG, 2003, p. 65). Porém, parece-nos que não é apenas

---

<sup>4</sup> Tradução de Jorge de Almeida.

o caso de a lírica abordar uma individualidade e perceber nela os elementos sociais que a condicionam; mais do que isso, a poesia lírica expressa uma individualidade que se recusa a endossar a lógica da dominação. Contudo, Ginzburg também observa isso quando afirma: “Em lugar de uma identidade individual, encontramos uma série de indicações de que a poesia lírica deve subverter a concepção burguesa de indivíduo e ultrapassar seus limites.” (GINZBURG, 2003, p. 65). Assim, parece-nos que a individualidade coisificada, plenamente determinada pela estrutura dos papéis sociais – uma falsa individualidade, portanto, é momentaneamente redimida. Este seria também o tema do conceito de *sedimentação* que indica a mediação entre forma e conteúdo:

Esse processo de sedimentação será tanto mais perfeito quanto menos a composição lírica tematizar a relação entre o eu e a sociedade, quanto mais involuntariamente essa relação for cristalizada, a partir de si mesma no poema. (ADORNO, 2009, 72).

Primeiramente, note-se que Adorno atribui à própria *composição lírica* o encargo de *tematizar* o elo que une indivíduo e sociedade; depois, que essa relação tende a cristalizar-se como que *por si mesma*, como se houvesse alguma força centrípeta a atraí-la. Tudo leva a pensar em uma espécie de lei imanente ao poema, e quanto mais fechado ele estiver em sua própria lei, mais necessário será interpretá-lo e mais denso será seu conteúdo social.

Segundo as observações que conduzem Adorno a pensar o conteúdo social da lírica a partir do processo de individuação, as composições líricas contraporiam o ideal da *volonté de tous* (ADORNO, 2009, p. 66). Este ideal é falso na medida em que se impõe sobre a vontade de cada um, porém a singularidade da poesia lírica expressa, negativamente em relação à sociedade falsa, uma espécie de *boa universalidade*, porque não estabelece hierarquia entre a vontade singular e o querer geral. Assim, “a composição lírica tem a esperança de extrair de uma irrestrita individuação o universal.” (ADORNO, 2009, p. 66). Essa individuação irrestrita seria justamente a singularidade que mesmo a dialética hegeliana acabou subsumindo ao Espírito Absoluto. Positivada, porém, a singularidade da lírica trai a si mesma, pois ela não cria,

nem permite que se pense a partir dela, nenhum modelo para a efetivação da individualidade. Seu caráter de mônada, sua condição de possibilidade, condiciona também sua impotência diante do “mundo das coisas”. O eu lírico atinge uma plenitude que o eu empírico não conhece na concretude social, e o leitor a experimenta na solidão, no afastamento da linguagem comunicativa. Assim, a concretude da lírica retorna a si e só existe como concreção à *segunda potência*, mas tratar a lírica como segunda concreção é bem mais que reconhecê-la como *negação* da realidade existente. A segunda concreção não supõe apenas a recusa ao *status quo*, mas reacende um fio de esperança na superação da falsa *volonté de tous*.

Para Adorno, o próprio conceito de sociedade não é algo que caiba em uma definição, como vimos em suas aulas sobre sociologia, ele indica a *algo mais* que o mero conjunto de indivíduos – a própria individualidade é produzida socialmente –, mas também não se esgota nesse *algo mais* que estaria acima dos indivíduos. Nas palavras de Adorno:

Ele [o conceito de sociedade] só se efetiva através dos indivíduos, mas, enquanto é relação desses indivíduos, não pode ser reduzido a eles, e, por outro lado, também não pode ser aprendido como mero conceito superior existente por si próprio. (ADORNO, 2008, p. 199).

Contudo, se a sociedade se reproduz no indivíduo e produz os indivíduos de que necessita, não obstante, a poesia lírica permite observar que essa dialética não pode ser hipostasiada. Tais considerações sobre o conceito de sociedade permitem compreender mais claramente a resposta de Adorno a uma possível objeção: “eu teria sublimado a tal ponto a relação entre lírica e sociedade, por temer o sociologismo grosseiro, que no fundo nada mais resta dessa relação: exatamente o não-social no poema lírico seria agora seu elemento social.” (ADORNO, 2009, p. 72). Da mesma forma, se a linguagem fosse apenas síntese, lugar da comunicação do universal no particular, a possibilidade de que a lírica expressasse algo não mediado socialmente estaria interdita:



Através de suas configurações, a linguagem se molda inteiramente aos impulsos subjetivos; um pouco mais, e se poderia chegar a pensar que somente ela os faz amadurecer. Mas ela continua sendo, por outro lado, o meio dos conceitos, algo que estabelece uma inelutável referência ao universal e à sociedade. (ADORNO, 2009, p. 74).

Deste modo, a linguagem não é apenas instrumento de mediação, um substrato sobre o qual subjetividade e objetividade coincidem, ela é, ao mesmo tempo, meio para a expressão do pensamento – subjetividade – e condição de possibilidade de apreensão do que é exterior ao pensamento – objetividade. Por esse prisma, a reconciliação não estaria na total identidade entre indivíduo e sociedade, numa linguagem totalmente mediada.

A ênfase na consideração de que o sujeito, na poesia lírica, é capaz de perder-se na linguagem é o ponto de virada sob o qual a linguagem, enquanto mediação, é pensada simultaneamente como algo mediado. Há, porém, uma espécie de intermitência entre a mediação total e a possibilidade de espontaneidade, “um elemento de desespero que se equilibra no cume do seu próprio caráter paradoxal” (ADORNO, 2009, p. 76). Como contraponto ao sujeito individualista e totalmente socializado – reificado – a intermitência entre linguagem comunicativa e expressão põe a lírica em um jogo de tudo ou nada.

Ao analisar o poema de Mörike, quando afirma que “o poema transmite o sentimento de calor e de abrigo em um espaço estreito” (ADORNO, 2009, p. 80), reconhece no poema de Mörike um tom elevado. Por outro lado quando observa que, “rudimentares, a fábula e a linguagem auxiliam, em igual medida, a unificar artisticamente a utopia da proximidade mais próxima com a da mais extrema distância” (ADORNO, 2009, p. 80), ele alude às dissonâncias que persistem sob o mesmo campo de forças que dá unidade ao poema. O que precisa ser interpretado – o que o procedimento de leitura imanente pretende pôr em curso – é a mediação que forma esse campo de forças, a expressão de um antagonismo social que o poema, como que num golpe, pretende suspender.

Na “Palestra sobre lírica e sociedade” encontramos, já fortemente articuladas, algumas das principais teses defendidas por Adorno em sua *Teoria*

*Estética*, nela já aparece o conceito de refração – que na *Teoria Estética* Adorno chamará de *refração estética* – como referência à tensão latente no processo de emancipação da obra. Na *Teoria Estética*, Adorno dirá, por exemplo, que o que é construído a partir do despojamento do material fornecido pela realidade – a supressão de qualquer alusão à realidade – eliminaria a referência ao pressuposto necessário à arte, isto é, seu outro e, conseqüentemente, a autonomia artística enquanto emancipação em relação à realidade.

Pois tudo o que as obras de arte em si contêm de forma e material, de espírito e assunto emigrou da realidade (realitat) para as obras de arte e nelas se despoja de sua realidade: assim se torna sempre sua cópia. Mesmo a mais pura determinação estética, a aparição, é mediatizada relativamente à realidade enquanto sua negação determinada. (ADORNO, 1988, 122 -123).

O mesmo despojar-se caracteriza a poesia lírica na “Palestra sobre lírica e sociedade”. O procedimento de leitura imanente seria então, desde os ensaios que compõem as *Notas de literatura*, uma tentativa, constantemente renovada, de compreender a arte como lugar onde a tensão social se torna mais evidente e, ao mesmo tempo, evidencia-se a necessidade de superá-la.

### Referências

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In. *Notas de Literatura*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o pensamento filosófico. In. *Palavras e sinais. Modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Teoria estética*. Trad. Arthur Morão. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: UNESP, 2008.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GINZBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *ALEA*. Vol. 5, N. 1, JAN/JUN 2003, p. 61-69.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: editora Ática, 2002.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.